

Modos Kaiowá de fazer e transformar a Universidade: entrevista com Izaque João

Entrevistado: IZAQUE JOÃO 

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
izaquejoao@gmail.com

Entrevistador: JOSÉ BATISTA FRANCO JUNIOR 

Universidade da São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
josebfrancojunior@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe206370

As experiências de acesso ao ensino superior se manifestam de variadas formas, de acordo com os processos de sujeição e controle de acesso a que diferentes grupos sociais são submetidos. Considerando os efeitos que a escolarização e a educação superior podem agregar no que se refere à garantia das condições básicas de vida, dignidade e participação social, entender as trajetórias de grupos e sujeitos específicos é uma forma de atribuir sentido, contorno e história a políticas públicas muitas vezes complexas. Nesse sentido, com o objetivo de entender os efeitos das políticas de ações afirmativas nas trajetórias de estudantes indígenas, a Comissão Editorial da Cadernos de Campo convidou o pesquisador Kaiowá Izaque João para compartilhar reflexões sobre sua trajetória com a Universidade e os modos Kaiowá Guarani de pensar e transformar a universidade.

Izaque João é do povo Kaiowá, é doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, e mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (2011), e também graduado em Pedagogia. Atuou como coordenador pedagógico do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ara Verá, entre os anos de 2020 a 2021, tendo experiência como pesquisador e também como professor de ensino fundamental na escola indígena.

Nossa conversa aconteceu em meados de dezembro de 2022, após alguns contatos iniciais em novembro do mesmo ano. O roteiro de perguntas foi compartilhado com outros interlocutores que participaram do projeto e as interações foram feitas remotamente. O responsável pela entrevista e transcrição é José Batista Franco Junior.



e206370

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe206370>

Cadernos de Campo: Para começar, você pode se apresentar, falar seu nome, de onde você veio e a que povo pertence, sua trajetória escolar?

Izaque João: Meu Nome é Izaque João, sou da etnia Kaiowá. Meu pai e minha mãe são da etnia Kaiowá. Na aldeia Panambi, situado no município de Douradina, no sul do estado de Mato Grosso do Sul é o lugar aonde nasci, cresci e convivi com a minha família e os demais companheiros de infância. A maioria dos meus parentes consanguíneos moram na aldeia Panambi. Meus irmãos e minhas irmãs ainda moram lá até hoje, no mesmo lugar aonde nasci. Meu pai e minha mãe já partiram para outra vida. Só ficaram entre nós o meu irmão, a minha irmã, as quais na nossa linguagem Kaiowá é chamado *guacho*, que é referido a órfão.

A minha vida escolar começou em meados da década de 1980. Naquele período, meu pai me levou para efetuar a minha matrícula numa escola rural que ficava perto da aldeia Panambi. Era uma escola construída de tábuas, bem simples e repartida em duas salas. Essas escolas são identificadas como “Missão Evangélica Unida”. Esse estabelecimento de ensino era administrado por um grupo de missionários alemães que vieram para trabalhar com os indígenas, pois naquele período não existiam outras escolas perto da aldeia. Nas escolas aonde fui matriculado, a maioria dos alunos matriculados naquela unidade escolar eram indígenas e na referida unidade de ensino, comecei a estudar no prezinho e na mesma escola concluí a antiga quarta-série. Após concluir a quarta série, fui estudar na cidade de Douradina, na Escola Estadual Barão de Rio Branco, onde frequentei da quinta a oitava série do mesmo ensino fundamental e primeiro a terceiro ano do ensino médio. As atividades escolares promovidas pelos professores da Escola da Missão Evangélica Unida, importante falar que não era compatível com a nossa vivência, nem da nossa realidade, e tão pouco falava sobre a nossa organização social. Pelo contrário: só estudava conhecimento que estava escrito no livro didático. Eu lembro até hoje que, no começo da minha vida escolar, foi um grande impacto da minha vida pessoal, sobretudo para ler, escrever na Língua Portuguesa, ou seja, na minha vida escolar, tinha muita dificuldade de compreender a Língua Portuguesa que estava sendo ensinada na sala de aula.

Naquele período, eu não conseguia perceber o que estava sendo negado do meu contexto de vida que é a cultura do meu povo, organização social, a qual fazia parte. No entanto, após concluir o ensino fundamental, comecei a perceber e sentir o resultado de negação e da exclusão do meu contexto de vida no ambiente escolar e essa reflexão me encorajou e me levou a investigar, observar com mais atenção o mundo aonde eu vivia com a minha comunidade e que os Kaiowá denominam do “nosso modo de viver”. Ainda na minha idade de jovem, no período de frequentar a escola na cidade, na minha idade pessoal, surgiram muitas imaginações embaraçadas sobre a minha identidade, meu mundo social. Não compreendia como viver nos dois mundos: mundo Kaiowá e mundo não-indígena. Viver como Kaiowá na comunidade, e na escola se comportar como os não-indígena. Questionei muito comigo mesmo, ao longo da minha vida escolar para entender quem sou

e mesmo assim eu tinha curiosidade de aprender sobre as coisas materiais e imateriais do meu povo Kaiowá, principalmente sobre as práticas de rituais tradicionais que acontecia no âmbito da nossa família ou na comunidade e essa prática era o modo de vida verdadeiro Kaiowá. Ainda no decorrer da vida escolar, além de ser falante na língua materna, eu tinha muita curiosidade de entender as palavras conceituais, presentes diariamente no nosso viver.

Também é importante recordar que, na minha idade escolar do ensino fundamental e do ensino médio, a minha vida era dividida entre a escola e o trabalho na roça junto com o meu pai. De manhã frequentava a escola e no período da tarde estava junto com o pai na roça, realizando as atividades de cultivo de várias espécies de produtos de alimentos, como: mandioca, batata, abóbora, feijão de corda, milho e outros produtos. Após alguns meses, meu pai construiu uma casa próximo da nossa residência para o meu avô morar e por isso, a partir daquele tempo, tive o privilégio de conviver e de alugar com o meu avô inúmeras vezes e observar as práticas de cultivos da sua roça e a confecção de artesanatos tradicionais. No ano seguinte, em função do espaço insuficiente para a prática da agricultura, a minha família se mudou para um local um pouco distante da casa do meu avô, porém na mesma aldeia e eu optei então por ficar na casa do meu avô temporariamente. Naquela oportunidade, tive outras escolas importantes na minha vida. O diálogo constante com o meu avô me permitiu a levantar várias hipóteses na tentativa de compreender melhor certas atividades diárias em diferentes espaços e principalmente a respeito de como lidar com as coisas materiais e imateriais, de acordo com a nossa cultura. Em muitos momentos, com a permissão do meu avô, me dediquei a ajudá-lo, fazendo companhia nas atividades de pescaria, na hora de buscar lenha, no momento de descanso, debaixo de uma árvore e sobretudo, no terreiro da sua casa, conversando e compartilhando da melhor maneira possível sobre o nosso modo de viver em coletividade, na maioria das vezes no período vespertino. Então assim, junto com ele, tive oportunidade de vivenciar pela primeira vez o processo de ritual do milho Saboró na comunidade Panambi. Depois de participações no ritual do milho Saboró, serviu-me, sem dúvida, para levantar, pesquisar e mais tarde realizar várias indagações sobre o modo de ser Kaiowá, consolidando com o tema de pesquisa para a produção de dissertação.

Cadernos de Campo: Pensando na sua trajetória acadêmica, como foi o processo de interesse e acesso à universidade?

Izaque João: No ano de 2000, eu comecei a participar da grande Assembleia Kaiowá que é chamada de *Aty Guasu*, junto com as lideranças da aldeia Panambi. Nas reuniões ouvia atentamente as discussões relacionadas a demarcação das terras tradicionais, saúde e fortalecimento da educação escolar indígena na aldeia, pois nesse período fortemente iniciaram a importância da educação escolar indígena. Entendo que, com a participação no movimento indígena, ampliou o meu engajamento sobre querer aprender mais sobre o meu povo. No ano de 2001 comecei a trabalhar como professor para a educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Indígena Joãozinho Carape Fernando, na terra indígena

Panambi, no município de Douradina, Mato Grosso do Sul. No ano de 2022 comecei a trabalhar com as crianças na mesma escola, na comunidade indígena. Nesse período enfrentei bastante dificuldades, pois a minha formação escolar não estava preparada para lidar seguramente com o ensino escolar.

No ano de 2004 participei pela primeira vez do *Encontro de Professores Indígenas Kaiowá Guarani* na aldeia Tey'ikue, no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul. E durante esse encontro aprendi muito sobre o que é ser indígena pesquisador do seu próprio povo. E essa pergunta me fez questionar muito sobre a minha existência como indígena e também sobre o povo Kaiowá. Percebo que existia muitos saberes Kaiowá que norteava nosso modo de ser, nosso modo próprio de organização social, nossos olhares sobre as plantas de muitas espécies e usados para diversos fins, bem como na cura, no ritual e a maneira de preparo para determinada doença. Isso despertava a minha curiosidade.

Meu interesse de querer entrar na universidade foi por dois motivos: primeiro, tinha muitas curiosidades sobre a prática de produção de diversos conhecimentos a respeito do povo indígena, sobretudo a respeito do meu povo Kaiowá. O segundo, foi uma reflexão a respeito do meu povo, pois ouvia muito do não indígena falar que Kaiowá precisava de muitos pesquisadores não indígenas para escrever as suas histórias, suas concepções sobre o mundo, colocar em escrita a cosmologia do povo Kaiowá. Isso me fazia pensar muito no período como se o povo não tivesse capacidade de protagonizar as suas próprias histórias. Isso me encoraja muito para a busca de querer escrever o conhecimento do meu povo, porém no início para acessar a universidade tive que enfrentar outro desafio que é o processo seletivo, mas a experiência de participações em várias reuniões indígenas me proporcionou superar várias dificuldades. Foi aí que ingressei no ensino superior.

Cadernos de Campo: Você participou de algum programa de apoio à permanência, teve apoio de bolsa no decorrer da sua vida acadêmica? Que tipo de oportunidades teve e que tipo de respaldo elas ofereceram pra que você pudesse se manter na universidade?

Izaque João: No ano de 2001 consegui entrar via vestibular na Faculdade particular, no curso de Pedagogia. No ano de 2002 já estava cursando Pedagogia – Licenciatura. Três anos de estudo na graduação do curso de Pedagogia e não obtive bolsa de estudo. Tive que trabalhar em sala de aula para pagar a mensalidade do meu curso ou muitas vezes tive que emprestar dinheiro para pagar as mensalidades. E, portanto, durante três anos de estudos, dividi e me dediquei aos estudos e trabalhos. Sei que foi difícil, pois ao mesmo tempo percebia que estava aprendendo algo importante na minha vida. Durante os estudos de Pedagogia, na graduação, o esforço não era para obter apenas emprego na sala de aula, pois já percebia que o meu povo tinha uma pedagogia muito diferenciada, pois necessitava do meu esforço para entender a pedagogia deles. Desde então me esforcei para compreender a Pedagogia do meu povo. No ano de 2004 concluí o curso de Pedagogia e depois ainda como professor, necessitava buscar algo mais na minha formação e na época pensei em fazer

especialização, mas no ano de 2004 a 2005 conheci uma professora formadora de magistério indígena e com a ajuda dela, busquei informação para entrar como aluno especial no nível de mestrado em História. Naquele período, a professora conversou muito comigo a respeito do curso. No ano de 2006, conheci o professor, historiador, Jorge Eremites, professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Conversando com ele, mostrei o meu interesse em estudar na área de História e ele permitiu que eu assistisse as aulas dele como aluno ouvinte. No ano seguinte, em 2007, entrei como aluno especial regular no mestrado de História. Foi nesse período que construí meu projeto de pesquisa, tentei ingressar no Programa, mas na ocasião não deu certo, mas no ano seguinte prestei novamente.

Cadernos de Campo: Quais foram as práticas e/ou estratégias da Instituição de Ensino Superior qual você cursou para a recepção e permanência de estudantes oriundos de programas de ações afirmativas?

Izaque João: No período que ingressei no ensino superior, na graduação, assim como na pós-graduação, senti na pele que não existia recepção favorável para os indígenas. Tive que concorrer com todos os não indígenas. Prestei vestibular por várias vezes para ingressar na graduação e para ingressar na pós-graduação também enfrentei vários obstáculos até ingressar na pós-graduação. Também não existia Programas afirmativos específicos para acadêmicos indígenas naquele período. Só entrei na pós-graduação e permaneci na universidade por insistência minha mesmo.

Na pós-graduação, ingressei e permaneci graças a insistência de um professor de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pois se não tivesse esse professor, certamente não chegaria e nem concluiria meu mestrado na Universidade Federal da Grande Dourados. Ao conseguir entrar no mestrado, no curso de História, estudei um ano sem bolsa de estudo e tive que trabalhar e estudar novamente. Foi um momento difícil para mim, pois o meu pai não tinha como me ajudar financeiramente, pois não tinha condições. Desde então trabalhei de forma contratada nas escolas da aldeia como monitor, sobretudo para ter um pouco de recurso para deslocar até a universidade aonde cursava o mestrado. Naquele período, recordo que passei por alguns momentos críticos na vida financeira, pois tinha que fazer escolhas, economizar dinheiro para passagens, bem como deslocar da aldeia até a universidade e ficar sem almoço na universidade. Às vezes, alguns amigos do curso me ajudavam a pagar o almoço, mas muitas vezes passava sem comer mesmo. No segundo ano do mestrado tive uma oportunidade de receber uma bolsa da Capes até a defesa da minha dissertação. Importante falar que no primeiro ano, como aluno de mestrado, na Universidade Federal da Grande Dourados recordo que foi publicado um edital para quem tinha interesse em receber bolsa de estudo da Capes. Eu tentei me inscrever, pois naquele período eu não tinha uma bolsa em específico que pudessem oferecer para os acadêmicos indígenas, então tive que concorrer com todos. Mas para ser beneficiado com bolsa de estudo tinha várias etapas de exigências, bem como as publicações de trabalhos científicos, e como

eu não possuía quase nada de publicações, acabei sendo desclassificado na pontuação das publicações científicas. Ai não tinha como receber a bolsa. Tive que trabalhar mesmo.

No ano de 2011 conclui o mestrado na linha de pesquisa “História, religião e identidade” na Universidade Federal da Grande Dourados e logo após desenvolver uma pesquisa sobre o ritual de batismo de milho. Depois continuei minha pesquisa sobre o povo Kaiowá Guarani, sobretudo fazendo um levantamento de temas considerados relevantes na área de Histórias indígenas, sobretudo na região de fronteira entre Brasil e Paraguai. Em minha pesquisa eu dialogo, na maioria das vezes, com os líderes espirituais Kaiowá, registrando suas experiências de vida, coletando saberes que fortalecem a identidade do modo de ser Kaiowá. As vezes procuro destacar os saberes que dizem a respeito à cosmovisão sobre o mundo que cerca a sociedade. Na universidade eu também participo do grupo de pesquisa “Etnologia e História indígena”, coordenado pelo antropólogo e professor por onde aprofundi meus interesses para fazer seguir minha pesquisa na área da antropologia.

Cadernos de Campo: Olhando em retrospecto a partir da sua vivência e da própria conjuntura atual, como você avaliaria os 10 anos de ações afirmativas para ingresso à Universidade Pública no Brasil? Haveria pontos positivos ou negativos.

Izaque João: Na minha avaliação, as ações afirmativas proporcionam, fundamentalmente, ingressos e permanências indígenas na universidade pública, sobretudo, os indígenas necessitam muito de políticas de investimentos na valorização e produção de conhecimentos. O Programa ajuda os indígenas a desempenhar integralmente as pesquisas com o seu povo ou com outros povos, registrando os saberes, contribuindo com as ciências práticas. As ações afirmativas, no meu ponto de vista, apresentam uma conquista muito importante para o negro e para os povos indígenas. Posso afirmar que as ações afirmativas apresentam várias demandas que necessitam de aprimoramentos, conforme o surgimento de novas demandas, pois entendo que não temos uma receita pronta para enfrentar a nossa realidade racial. Atualmente os indígenas vivem em situação crítica de modo geral. Acontece que, onde os comportamentos racistas difundidos no tecido social, a cota é imprescindível para garantir o direito de acesso ao ensino superior.

Recebido em 4/12/2022

Aceito para publicação em 22/12/2022